Prefácio

Fatima Pivetta
Marcelo Firpo Porto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PIVETTA, F., and PORTO, M. F. Prefácio. In: FERNANDES, T. M., and COSTA, R. G. R. *Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, pp. 11-18. ISBN: 978-85-7541-602-0. Available from: doi: [10.7476/9788575416020.001](https://doi.org/10.7476/9788575416020.001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/kprj8/epub/fernandes-9788575114520.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

*Quando um homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar,
cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha,
esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.*

Milton Santos

Este belo livro de Tania Maria Fernandes e Renato Gama-Rosa Costa busca reconstituir a história de pessoas e lugares do território de Manguinhos, que, até bem pouco tempo, era mais reconhecido pelas instituições e empresas nele presentes do que pelas populações que o habitavam.

O contexto urbano complexo e vulnerável do qual fala a obra envolve diversas favelas ao redor da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com seus inúmeros problemas socioambientais e sanitários. A preocupação de alguns pesquisadores da Fiocruz sobre os desafios do que e como fazer frente a esta realidade acabou gerando um projeto intitulado Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM), desenvolvido na Fiocruz, uma parceria entre a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), a Escola Politécnica Joaquim Venâncio (EPSJV), a Casa de Oswaldo Cruz (COC) e o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict). Parcerias estas que, desde 2003, vêm se estabelecendo através de um tortuoso, difícil, porém desafiador e gratificante percurso de pesquisa-ação.

O presente livro é um dos resultados da parceria entre o LTM e a COC. Resulta não apenas do trabalho acadêmico dos autores, mas do acolhimento de Nísia Trindade Lima, então diretora da COC, que compreendeu a importân-

cia da história das pessoas e seus lugares de vida na constituição de processos virtuosos de promoção da saúde, vislumbrando como um trabalho importante também para a COC. A proposta do LTM e alguns frutos deste trabalho podem ser vistos no portal da Internet <www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br>.

O LTM é um projeto-processo que busca criar bases conceituais e operacionais para uma promoção da saúde emancipatória, de base territorial, contextual e dialógica. Para nós, ela é entendida como processo dinâmico de mediações e constituição de campos relacionais, cognitivos e éticos, entre sujeitos individuais e coletivos para solidariamente estabelecerem mecanismos de compartilhamento dos recursos disponíveis na sociedade. Uma promoção da saúde repensada como processo dialético voltado à produção de conhecimentos e práticas que favoreçam a constituição de espaços, em busca de conquistas para a liberdade e o exercício dos direitos humanos fundamentais, tendo por mote temas de saúde e seus determinantes socioambientais.

A reconstituição das histórias do lugar tem uma importância central para a promoção da saúde emancipatória. Essa centralidade nos é inspirada por vários autores, em que destacamos Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Marilena Chauí e Milton Santos, bem como pelas abordagens ecossociais em saúde. Todas essas abordagens ressaltam a importância da história de forma similar ao conceito de “sistema de críticas”, trazido por Tania e Renato. Para nós do LTM, reconstituir as histórias de Manguinhos é fundamental para fortalecer a cidadania e a solidariedade na construção da memória coletiva do Rio de Janeiro como uma cidade saudável para todos.

É a partir da integração às condições do seu contexto que os seres humanos se apropriam do domínio da história e da cultura, criando-as e transformando-as. Tornar os seres humanos sujeitos da sua inserção na história ainda se apresenta com a mesma urgência, pois os avanços da democracia da nossa sociedade, da ciência e da técnica não significaram a apropriação dos temas fundamentais do próprio homem, tampouco a redução dos excluídos, como nos fala Paulo Freire.

No contexto do LTM, têm importância não apenas o conteúdo do livro, isto é, as histórias de Manguinhos, mas também o processo de reconstituição e apropriação dessas através das memórias de seus moradores. A história tomada como instituinte e inaugural, que faz deste lugar um resultado da transformação e criação, ao contrário de imaginá-lo como progresso ou de-

envolvimento. Ou seja, conhecer a história e não confundir-la com destino, mas perceber a historicidade dos processos de construção do território e da sociedade. A história como passado vivido e como um espelho retrovisor, que nos situa no presente para pensarmos um futuro emancipador, e não como negação do presente, é o que nos ensina Marilena Chauí.

Como um território em disputa, Manguinhos vive a eterna busca de sua vocação e suas funções na cidade ao longo da história, que passam do lixão a bairro industrial e área de transição para alocação de removidos. Um típico bairro de periferia que retrata uma triste realidade de exclusão social e discriminações. Sob a ótica da ecologia política e da justiça ambiental, espaços como estes resultam de um processo histórico marcado por discriminações, racismo, baixos salários, falta de ofertas de políticas urbanas e de habitação para as classes populares.

Uma questão de fundo na criação do LTM envolvia nossas avaliações críticas sobre os discursos e programas não só de promoção de saúde, mas da prática científica e das políticas públicas em geral, que acabavam por reproduzir conhecimentos e práticas de forma descontextualizada e burocrática, sem efetivamente trabalharem junto com as populações. Para além do campo da saúde coletiva, nossas preocupações e intenções apontavam para a superação de uma forma especializada e fragmentada de se fazer ciência, a qual coloca cientistas aparentemente ‘objetivos’ e ‘neutros’ de uma forma afastada ou mesmo ‘acima’ das populações e das ‘pessoas-objetos’ de suas investigações. O desafio, portanto, é construir uma prática de produção de conhecimentos sensível e cidadã, solidária e compartilhada, atenta com o mundo das necessidades e possibilidades a partir de cenários por vezes tão cruéis, mas acima de tudo humanos. Enfim, contribuir para o que Paulo Freire denominou de “inéditos viáveis”.

A saúde pública no espaço das favelas se insere num contexto socio-ambiental que faz parte de um complexo ciclo vicioso: o ambiente é caracterizado pela falta de saneamento básico, de condições precárias de moradia e transporte, pela poluição e enchentes. Todos estes riscos ambientais geram múltiplos problemas de saúde, que, junto com os demais problemas relacionados à pobreza, acabam por desembocar numa infra-estrutura pública bastante limitada de assistência à saúde. E para tornar o quadro ainda mais complicado, novas territorialidades foram geradas nas últimas décadas em

consequência da ausência do Estado e do crescimento de vários comércios ilícitos – em especial o das drogas, ironicamente alimentado pelos consumidores de fora das favelas. Os movimentos sociais que, no âmbito das associações e federações de moradores, constituíram importante instrumento de resistência e redemocratização nos anos 70 e 80, passaram a enfrentar enormes dificuldades para organizar os interesses legítimos das populações aviltadas tanto pelo narcotráfico como pelas próprias instituições políticas e de segurança pública. Territórios e populações vulneráveis como Manguinhos reforçam a necessidade de aprofundarmos a democratização do Sistema Único de Saúde (SUS) e os objetivos da saúde coletiva.

Os territórios da exclusão têm não somente um vazio de direitos, uma ausência do Estado e de políticas públicas consistentes; mas também um vazio recorrente de memória que forneça os sentidos de pertencimento e as bases sociais, culturais, políticas e cognitivas constituintes dos sujeitos coletivos e movimentos sociais. Reconstruir a história do lugar com os moradores, como um processo contínuo não apenas de dar voz a estes, mas como forma de se contrapor ao discurso hegemônico, um lado apenas da história – aquela contada pelos ‘fortes’, pelos ‘vencedores’. Esse vivenciar coletivo da história do lugar, acreditamos, é um caminho seguro para a construção de sujeitos individuais e coletivos autônomos, com auto-estima suficiente para a luta política, para se contrapor, como nos fala Milton Santos, às fabulações de um mundo imaginário. Tal mundo é possibilitado pelas ciências a serviço da ideologia dominante, que escamoteia as desigualdades sociais e homogeneiza os lugares, como se iguais fossem e não contivessem diversidades e potenciais criativos, essenciais para a transformação da sociedade e produção de uma outra história humana.

As histórias destes territórios sistematicamente permaneceram ocultas para o Estado, cujas políticas públicas buscavam atender mais aos interesses das elites da cidade. Quando não esquecidos, os moradores de Manguinhos eram tratados ora com estigma, ora como simples alvos de filantropia mantenedora do *status quo*, ou ainda de barganha eleitoral. Nesse sentido, Manguinhos é mais que um espaço singular: sua história é também, de muitas formas, a história das populações que vivem nos territórios periféricos da exclusão no Rio de Janeiro e em tantas outras cidades do Brasil, país que em pleno século XXI ainda permanece com enormes desigualdades sociais.

Ao resgatar o passado entendemos melhor o presente e nos capacitamos conscientemente para o exercício de transformá-lo em busca dos sonhos que nos fazem humanos. Trabalhar na reconstituição da história de Manguinhos significa também uma redescoberta do lugar por parte dos jovens moradores, bolsistas do LTM, expressa nas falas do Wagner: “Descobri que meu pai foi quem instalou a primeira banca de jornal na Vila Turismo (...). Fiquei alegre em saber que meu pai participou desta história”; da Consuelo: “Estou aprendendo que a verdade não é única, que existem várias histórias. E estou louca para chegar no Nelson Mandela para eu poder também apresentar a minha verdade e aprender com as outras” e da Silvana: “O trabalho trouxe a oportunidade de conhecer comunidades que eu tinha receio de visitar”.

Como nos dizem Tania e Renato, este livro aponta para uma “nova perspectiva de pesquisa histórica com um objeto avistado pela janela de nossas salas de trabalho e que nos parecia tão distante”. Para nós que idealizamos o LTM, Manguinhos não é apenas o contexto empírico do nosso trabalho: nosso engajamento implica uma ciência sensível e cidadã, construída com afetos e laços de solidariedade.

Manguinhos é, portanto, um lugar e um contexto para se pensar a produção de conhecimentos e para a nossa militância como servidores públicos engajados na luta pela recriação de novos caminhos para a história deste lugar e da sociedade em geral.

Foi com essa perspectiva que iniciamos a implementação do LTM, um projeto de pesquisa-ação que reúne pesquisadores de diversas unidades técnico-científicas da Fiocruz e moradores de Manguinhos para a produção compartilhada de conhecimento e de informação. Tal produção significa tomar este território como objeto de aprendizagem, não apenas dos pesquisadores, mas também dos moradores que nele vivem. É fazer do território o laboratório de todos para a transformação pela ação coletiva. É tornar possível revelar suas dinâmicas sociais, ambientais, políticas e culturais pelo olhar daqueles que o constroem e o vivenciam, e não pelo olhar externo e estranho à vida que pulsa no lugar. É tomar Manguinhos como um grande laboratório vivo, que expressa a complexidade das tramas socioambientais e possibilita o entendimento (das ciências) da vida. O LTM se propõe, então, a construir uma promoção da saúde que integre ciência e cidadania, invista na formação de sujeitos coletivos e redes sociais, resgate a memória coletiva

das comunidades, sistematize conhecimentos sobre o lugar e acompanhe, de forma crítica e propositiva, políticas públicas relevantes para a população de Manguinhos, construindo, assim, um modelo solidário de conhecer e interagir nos territórios em que vivemos.

O percurso do LTM e deste livro foi iniciado em 2003 com o Mapa da História de Pessoas e Lugares, que juntamente com outros três (Mapa da Saúde Ambiental, Mapa da Comunicação e Mapa do Ciclo das Substâncias Químicas) inauguraram o LTM.

O Mapa da História de Pessoas e Lugares configura-se como uma pesquisa baseada em documentos, iconografia e, principalmente, em entrevistas com moradores das comunidades, tendo como questão central as problemáticas urbanísticas, ambientais, sociais e identitárias. Associando, também, estas questões às políticas públicas direcionadas às áreas de grande exclusão social e violência urbana, no Rio de Janeiro, voltadas para as comunidades em estudo. A construção coletiva do conhecimento expresso no livro foi um trabalho principalmente dos pesquisadores Tania Maria Fernandes e Renato Gama-Rosa Costa, mas também dos moradores, tanto os pesquisadores do projeto LTM quanto aqueles que participaram das entrevistas. A equipe, por nós denominada de comunidade ampliada de pesquisa-ação, foi constituída ao longo do tempo de construção do livro pelos dois pesquisadores, coordenadores científicos do trabalho, pelos jovens moradores Michele Soares, Silvana Nascimento Modesto e Wagner Lira Martins, bolsistas do Programa de Vocação Científica para o Desenvolvimento Local (Provoc DLIS), pelas pesquisadoras-moradoras Gleide Guimarães Alentejo e Consuelo Nascimento, pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), estudantes de graduação da área de história, Graziela Barros e Fabio Souza Corrêa Lima.

Este livro retrata uma das muitas histórias que são e serão contadas. Mais que isso, traz a nossa própria descoberta de Manguinhos, com o privilégio da convivência cotidiana com os moradores, pesquisadores do projeto. É o lugar onde trabalhamos, ajudamos a transformar e testemunhamos suas mudanças, pois desde os anos 80 passamos grande parte de nossas vidas por aqui. É por tudo isso que este livro, para nós, tem o sabor do “inédito viável”.

Foi um trabalho que nos envolveu e nos envolve a todos pelos caminhos de Manguinhos, com a força emancipatória que pulsa em muitos dos seus

moradores. A alegria, a serenidade e a capacidade intelectual da jovem moradora Consuelo Nascimento, que desde o início de nossa convivência teve como sonho reconstituir a história do bairro onde nasceu e vive, é a energia inaugural deste trabalho. E através dela que homenageamos todas e todos os jovens moradores de Manguinhos, que dividem conosco o cotidiano do LTM neste percurso que, esperamos, contribua para nos levar a um futuro mais digno e saudável para este lugar e toda a cidade. E também através da Gleide Guimarães, pesquisadora-moradora sênior do LTM, que carinhosamente chamamos de nosso “livro vivo” de Manguinhos, e da grande âncora da Tania e do Renato, agradecemos e homenageamos a todos os moradores de Manguinhos que participaram da construção deste texto.

Histórias de Pessoas e Lugares representa um acervo, uma fonte de conhecimento e informação, mas também um marco de uma nova concepção de construção desse conhecimento e dessa informação, a reconstituição da história do bairro e da cidade. História essa que está em pleno processo de mudanças pelas intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que desde março de 2008 vem mudando a paisagem do lugar, mas não temos certeza se mudará a qualidade da vida das pessoas que nele moram. Em 1941, como nos conta o livro, já havia planos do Estado com promessas de “que valorizaria e embelezaria a região”, sendo descrito como “magnífico”. Os lugares poluídos ou insalubres, maltratados e abandonados, como era apresentado este espaço, seriam “transformados em recantos belíssimos e habitados”. Esta publicação é um resultado que contém também todo o aprendizado de um caminhar na construção compartilhada da história do lugar.

A importância da história para uma promoção da saúde emancipatória está sintetizada por Fabiana Melo Sousa, moradora de Manguinhos e pesquisadora do LTM, quando escreve:

a história de Manguinhos é um resumo da história do país e das políticas habitacionais do estado do Rio de Janeiro. A semelhança entre as histórias da década de 1960 e a dos jovens de agora nos revelou um retorno. Um sentimento de que aquele passado de dificuldades, num espaço-tempo tão próximo, não está distante do nosso presente. Mas, acima de tudo, o que nos anima na concepção do LTM é a esperança, transmitida pelos próprios moradores de que nem tudo está perdido, apesar das inúmeras dificuldades que

rodeiam a comunidade de Manguinhos: “O Brasil ainda tem jeito, minha filha” – diz Nelson Soares aos 76 anos, um dos colaboradores do livro, em pé com a bandeira do Brasil no fundo, aberta na estante de sua casa. Quem somos nós para duvidar?

Fatima Pivetta e Marcelo Firpo Porto

Coordenação do Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM),
Ensp/Fiocruz